

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA



# RAÍZES MEDIEVAIS DO BRASIL MODERNO

---

---

A VIAGEM

---

---

COORDENAÇÃO:  
MANUELA MENDONÇA  
MARIA DE FÁTIMA REIS

LISBOA · MMXX

# RAÍZES MEDIEVAIS DO BRASIL MODERNO



## **Ficha técnica:**

### *Título*

Raízes Medievais do Brasil Moderno  
A Viagem

### *Coordenação:*

Manuela Mendonça  
Maria de Fátima Reis

### *Revisão de texto*

Maria de Fátima Reis

### *Comissão Organizadora*

Maria de Fátima Reis  
Maria Marta Lobo de Araújo  
Manuela Machado  
Carla Xavier  
Sandra Castro

### *Comissão Científica*

José Viriato Capela  
Manuela Mendonça  
Maria de Fátima Reis  
Maria Eurydice de Barros Ribeiro  
Maria Marta Lobo de Araújo  
Susani Silveira Lemos França

### *Arranjo Gráfico*

Paula Silva  
Luís Silva

### *Execução Gráfica*

Lusoimpress.com

### *Tiragem*

250 Exemplares  
© Academia Portuguesa da História

### *Depósito Legal*

474658/20

### *ISBN*

978-972-624-227-7

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

COORDENAÇÃO:  
MANUELA MENDONÇA  
MARIA DE FÁTIMA REIS



# RAÍZES MEDIEVAIS DO BRASIL MODERNO

---

---

A VIAGEM

---

---

L I S B O A  M M X X



# ÍNDICE

## CONTEÚDO

<b>NOTA PRÉVIA</b> .....	11
Manuela Mendonça	
Maria de Fátima Reis	
<b><i>O LIBRO DEL INFANTE DON PEDRO DE PORTUGAL: UMA VIAGEM AO REINO DO MÍTICO PRESTE JOÃO</i></b> .....	13
Adriana Zierer	
<b>CRONISTAS E OUTROS TESTEMUNHOS DA VIAGEM DE FERNÃO DE MAGALHÃES (1519-1522)</b> .....	29
Armando Martins	
<b>VIAGEM DE FILIPE II (III) A PORTUGAL EM 1619: EXPECTATIVAS DE UMA VISITA</b> .....	49
Carlos Margaça Veiga	
<b>O VIAJANTE JERÔNIMO MÜNZER NO PORTUGAL QUATROCENTISTA (1494-1495)</b> .....	73
Dulce O. Amarante dos Santos	
<b>A “VIAGEM” NA CRISTANDADE MEDIEVAL OCIDENTAL</b> .....	97
Francisco José Silva Gomes	

<b>A CAMINHO DA CIVILIZAÇÃO</b> . . . . .	109
Jean Marcel Carvalho França	
<b>O CONHECIMENTO DO AMAZONAS NA “HISTOIRE GÉNÉRALE DES VOYAGES”</b> . . . . .	125
João Marinho dos Santos	
<b>VIAJAR PARA ORIENTE. O CONHECIMENTO DA ÁSIA NA EUROPA MEDIEVAL ENTRE AS VIAGENS DE ALEXANDRE E AS AVENTURAS DE MARCO POLO</b> . . . . .	135
José Varandas	
<b>A VIAGEM NA IDADE MÉDIA VISTA PELA DOCUMENTAÇÃO PENINSULAR</b> . . . . .	149
Julietta Araújo	
<b>JOÃO CIDADE. DE MONTEMOR-O-NOVO A GRANADA</b> . . . . .	171
Manuela Mendonça	
<b>O INFANTE D. AFONSO EM VIAGEM PARA JERUSALÉM: UMA PONDERAÇÃO ENTRE O RECONHECIMENTO GEOESTRATÉGICO E A PEREGRINAÇÃO (1406-1408)</b> . . . . .	189
Margarida Garcez Ventura	
<b>“SE ME VOSSA MERCÊ MANDAR LICENÇA PERA IR JÁ ME EMBARCARA”. DA MADEIRA PARA O BRASIL: VIAGEM, AMOR E CASAMENTO NO SÉCULO XVI</b> . . . . .	207
Maria de Fátima Reis	
<b>IBIRAPITANGA: DA MATA ATLÂNTICA PARA AS CORTES EUROPEIAS</b> . . . . .	221
Maria Eurydice de Barros Ribeiro	

<b>VIAJAR PARA CASAR: EM TORNO DA UNIÃO DE LEONOR DE PORTUGAL COM FREDERICO III, IMPERADOR NA ALEMANHA</b> . . . . .	231
Maria Helena da Cruz Coelho	
<b>CIRCULANDO ENTRE PODERES: PEDRO DE AGUIAR E A OCUPAÇÃO DE CARGOS NA SOCIEDADE BRACARENSE DO SÉCULO XVII</b> . . . . .	265
Maria Marta Lobo de Araújo	
<b>A ÚLTIMA VIAGEM – MORRER À VISTA DA CHINA</b> . . . . .	287
Miguel Corrêa Monteiro	
<b>GALICIA Y LA EXPEDICIÓN MAGALLÁNICA</b> . . . . .	307
Ofelia Rey Castelao	
<b>AÇÕES LOUVÁVEIS, CONDENÁVEIS E ESQUECIDAS NAS PRIMEIRAS VIAGENS PARA AS ILHAS ATLÂNTICAS</b> . . . . .	329
Susani Silveira Lemos França	
<b>O CICLO DAS NARRATIVAS ATLÂNTICAS: O “DE CANARIA” DE BOCCACCIO E O “LE CANARIEN” DE GADIFER E BÉTHENCOURT</b> . . . . .	355
Vânia Leite Fróes	



**O CICLO DAS NARRATIVAS ATLÂNTICAS:  
O DE CANARIA DE BOCCACCIO E O *LE*  
*CANARIEN* DE GADIFER E BÉTHENCOURT**

**Vânia Leite Fróes**

*Universidade Federal Fluminense*

Nos últimos séculos do medievo a produção e a leitura dos textos de viagem constituíram uma prática recorrente nas sociedades urbanas, transformando-se numa verdadeira “moda de narrativa”.

As grandes mudanças ocorridas na Cristandade a partir do século XIII possibilitaram a circulação dos homens em longa distância por rios, mares e por caminhos diversos. Entre estas transformações estão a consolidação dos mongóis à leste e os contatos maiores com o mundo asiático que alimentaram fantasias sobre as terras longínquas, como a Índia<sup>1</sup>, e os seres desconhecidos. Ao mesmo tempo, novas práticas de navegação impulsionaram o desejo de tornar presentes muitos sonhos, quer sejam as viagens, quer sejam as narrativas sobre elas.

---

<sup>1</sup> Refiro-me aqui ao sentido imaginário e não geográfico, identificado como lugar fechado, protegido e inacessível. Cf. Le GOFF, Jacques “L’Occident médiéval et l’Océan Indien : un horizon onirique”, In: LE GOFF, Jacques, *Pour un autre Moyen Âge. Temps, travail et culture en Occident*, Paris, Gallimard, 1977, pp. 280- 298.

A expressiva circulação e recepção destes textos fazem-se num universo de fortes sensibilidades e de envolvimento, constituindo a narrativa um *locus* altamente favorável à inversão de valores, reordenação de conhecimentos e de novas leituras de tempo e de espaço. Estes relatos trazem para os historiadores informações relevantes sobre os processos diversos de atualização do imaginário e de construção de novos parâmetros identitários, reorientando ações e maneiras de agir com o diferente.

É sob este ângulo que pretendo lançar o meu olhar, tomando como base duas narrativas que situam nas ilhas Canárias o palco de seus relatos. São conhecidas tradicionalmente como *De Canaria* de Boccaccio e *Le Canarien* de Jean de Bethencourt e do pictarino Gadifer de la Salle.

Na primeira delas, pode-se acompanhar interessantes mudanças no imaginário do Atlântico. Percebe-se algum realismo e muitas sutilezas estéticas no “novelar” do grande escritor italiano. No segundo relato, a marcha para o mar-oceano não se apresenta apenas como uma consequência da ampliação dos horizontes do conhecimento e dos espaços do mundo, mas articula-se também a todo um conjunto de práticas que transformaram os mecanismos lógicos de compreensão do outro, trazendo, no dizer de Michel Mollat<sup>2</sup>, formas mais concretas de abordar os novos universos conhecidos. Apesar da maior presença do realismo, ambas as narrativas preservam muitos elementos do maravilhoso clássico do medievo.

Ao trabalhar com as narrativas escritas, particularmente aquelas do século XIII em diante, o historiador depara-se com a questão das relações história e literatura no medievo, interrogando-se sobre as possibilidades de acesso do público ao texto, sobre as questões de autoria e dos mecanismos diversos de sua circulação e transmissão.

É preciso lembrar que aquilo que se chama literatura na Idade Média não pode estar desvinculado das práticas de leitura, que se caracterizam

---

<sup>2</sup> MOLLAT, Michel, *Los Exploradores del siglo XIII al XVI - Primeras miradas sobre Nuevos mundos*, Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1990, p.140.

basicamente pela oralidade e pela vocalidade<sup>3</sup>. Estas práticas são quase sempre coletivas, feitas em praças, em serões privados e em adros das igrejas e merecem a atenção especial do historiador por sua peculiaridade – lia-se também com os ouvidos, e muito.

O aspecto performático da leitura em voz alta confere ao texto e à narrativa uma forte eficácia simbólica. Ler é também atuar, colocar em ato, representar, “presentificar” alguma coisa para um público, estabelecendo-se verdadeiras redes de relações sociais que tanto se expressam na produção como também na recepção e circulação do texto narrativo. O universo da narrativa (quer seja textual, imagética, musical ou vocalizada), pressupõe a presença de relações sociais (público-leitor e enunciador; autor público; editor-autor e toda a cadeia produtiva e simbólica que se envolve neste processo).

Muitos destes textos de viagem foram lidos e ouvidos com encantamento por um público palaciano, mas também por mercadores e por aqueles que frequentavam as praças e feiras das cidades medievais. Outros textos, no entanto, sem abandonar a tradição do maravilhoso medieval, relativizaram as fantasias, revestindo a narrativa de um sentido pragmático que serviu para antecipar as formas de abordar, de evangelizar e de dominar muitos dos povos que posteriormente se integraram ao universo da Cristandade.

Finalmente, acrescente-se nestas breves questões a respeito do papel das narrativas de viagem, a importância da expansão da leitura individual e silenciosa, do surgimento de bibliotecas, do papel das universidades e mesmo da intensificação da produção de códices ricamente iluminados que contavam e recontavam as aventuras vividas por viajantes.

Certos livros de viagem foram mesmo verdadeiros *best-sellers* do medievo. O *Livro das Maravilhas* de Marco Polo foi traduzido em várias línguas, copiado e iluminado em muitas oficinas por artesãos que reproduziam em miniaturas os relatos e fantasias contadas pelo mercador italiano.

---

<sup>3</sup> Vocalização é o termo sugerido por ZUMTHOR, Paul, *A Letra e a Voz*, São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

## IMAGINÁRIO DAS VIAGENS MARÍTIMAS

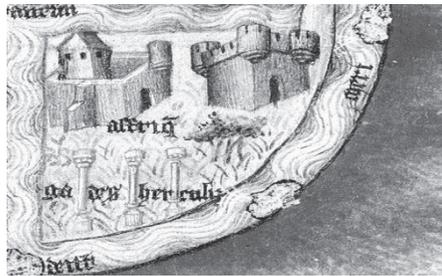
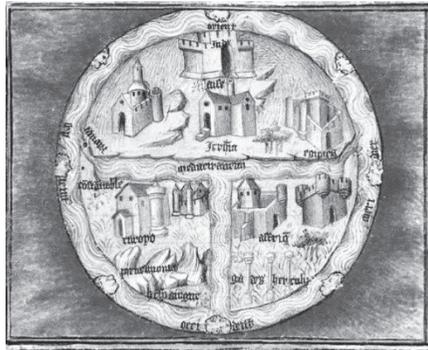
São inúmeras as narrativas da antiguidade clássica sobre o mar-oceano que ainda são conhecidas nos primeiros séculos da Idade Média. Embora a tradição tenha muitas vezes associado o mar ao cotidiano das trocas e abastecimentos de Roma e da Grécia, convém lembrar que o espaço marítimo sempre teve uma conotação ambígua, que oscilava entre uma visão pragmática e positiva e uma percepção fantástica e assustadora. Comentando com propriedade estas variações de sentimento, Paulo Lopes observa que:

Nas concepções do mundo da época clássica (até perto do final do Império Romano), a água ocupa um papel central e incontornável enquanto fonte de recursos diversos para a subsistência do homem. O estatuto do Mediterrâneo é emblemático desta premissa. Para os geógrafos antigos, ele é o centro em redor do qual se apresenta a moldura terrestre (precisamente o inverso da concepção medieval, onde é o mar que rodeia a terra). Autêntica fonte de vida, pois dele brotam os meios de subsistência (o peixe e o sal) e por ele viajam os homens e circulam os bens<sup>4</sup>.

No entanto, comenta ainda o autor, foi dos périplos e dos feitos dos heróis gregos no Atlântico, particularmente Hércules e Ulisses, que resultou um imaginário perigoso e hostil, relacionado com a passagem do estreito de Gibraltar conhecido em todo o medievo como Colunas de Hércules.

---

<sup>4</sup> LOPES, Paulo, *O Medo do Mar nos Descobrimientos. Representações do Fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média*, Lisboa, Tribuna da História-Edição de Livros e Revistas, 2009, p. 24.



Les Colonnes d'Hercule. À droite, detalhe da obra<sup>5</sup>.

A exploração do mundo que ia além das Colunas de Hércules revelou pouco a pouco para a Cristandade latina lugares que desafiavam o homem pelos perigos e mitos que envolviam as viagens marítimas. A descoberta destes diferentes espaços fez repensar as relações dos homens entre si e com aqueles que os conheceram a partir das conquistas.

A concretude destas experiências fez com que o imaginário se atualizasse e se adequasse aos novos tempos. Grandes criadores das lendas das viagens marítimas, como a dos argonautas ou de Hércules em seus trabalhos, os gregos apontavam o Atlântico como o lugar das

---

<sup>5</sup> OROSIO, Paulo, *Historiarum adversus paganos libri VII XVe siècle*. Manuscrit sur parchemin (34x 28,5). Tours, Bibliothèque municipale. Ms 973 f.2 disponível em <<https://www.pinterest.com.mx/pin/333618284869395214/>> consulta em 08 de julho de 2018.

Ilhas Afortunadas<sup>6</sup>. “Este imaginário assume uma importância crucial para se compreender a dicotomia arquetípica entre o mar Mediterrâneo e o Atlântico no seio da mundividência medieval aquando do início do processo dos Descobrimentos”<sup>7</sup>.



Îles Fortunées<sup>8</sup>

O desgaste do ocidente romano e as inúmeras mudanças no cotidiano do Império, particularmente o crescimento do cristianismo, forjam uma visão bastante nefasta do mundo marítimo (que já predominava em obras como a *História Natural* de Plínio, o Velho e mesmo em Rufio Avieno), em que o abismo do oceano é povoado por monstros tenebrosos, em que a vida animal não está sujeita à ordem, mas ao caos<sup>9</sup>.

O grande modelo destes espaços fixou-se com Isidoro de Sevilha, que tinha uma visão maléfica do mar. O mar era para o sevilhano uma grande massa isolada do mundo que passava repentinamente de águas lisas e calmas à ondas gigantescas, expulsando o homem rapidamente

<sup>6</sup> Inúmeras vezes associadas às Ilhas Canárias.

<sup>7</sup> LOPES, *op.cit.*, pp. 24-25.

<sup>8</sup> *BNF Manuscripts 22971 fol.24v* Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/610378555728057160/>, acesso em 28 de maio de 2018.

<sup>9</sup> LOPES, *op.cit.*, pp. 30-31.

de sua superfície. O mar-oceano seria assim um espaço intransponível, desconhecido e hostil.

Estamos desta forma, perante uma lógica de centro periferia: a natureza é tanto mais instável, caótica e perigosa, quanto mais se encontra afastada do mundo habitado, o orbe terrestre (que em termos de geografia antiga correspondia, na prática, ao espaço do Império Romano). No quadro desta visão mítica do mundo, o espaço próprio dos monstros é o oceano que rodeia toda a terra habitada. [...] A dualidade Ordem/Caos ganha aqui um sentido pleno<sup>10</sup>.

Não só os que habitavam as águas turbulentas do mar constituíam-se em monstros ou seres exóticos. Também aqueles que moravam nas ilhas isoladas eram objeto destas construções. As ilhas sempre foram lugar de construções imaginárias ora utopizadas, ora construídas para topologizar os seres desconhecidos.

As transformações destas representações idealizadas do mar-oceano fazem parte de um processo histórico de longa duração, que se acentua desde o século XII com a intensificação da navegação costeira, com o aperfeiçoamento das embarcações (as naus genovesas do século XIII) e com o crescimento das trocas e das comunicações entre o eixo norte da Europa (Atlântico Norte - Mar do Norte e Báltico) com o eixo sul (Mediterrâneo e Mar Negro). Estas mudanças são encabeçadas pelas cidades hanseáticas na parte mais setentrional da Europa, pelos grandes portos italianos no sul e no sudoeste e pelos reinos ibéricos, particularmente os que estão no lado ocidental da península.

Acrescente-se a estas transformações muitas outras. A elas somaram-se a intensa urbanização da Europa, a lenta laicização da produção do conhecimento com o crescimento das universidades, as maneiras mais objetivas de pensar e de construir, o fortalecimento de grupos sociais ligados às atividades comerciais e as novas formas de representar o mundo, de explicá-lo e de reproduzi-lo.

---

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*, p. 41.

## A IMPORTÂNCIA DAS ILHAS DO ATLÂNTICO CENTRO-MERIDIONAL NAS NAVEGAÇÕES E NOS RELATOS DE VIAGEM

A presença de ilhas no médio Atlântico, próximas à costa africana é referenciada por várias cartas no medievo e não raramente associadas a elementos edênicos e maravilhosos. Desde os séculos XII e XIII com o avanço das frentes cristãs na Península Ibérica e o desenvolvimento material das embarcações e dos recursos técnicos para a navegação, tem-se notícias da chegada de marinheiros e religiosos na região.

O Arquipélago das Canárias é uma espécie de porta de entrada para a navegação marítima de grande porte. Constituído por sete ilhas e pequenas ilhotas de formações rochosas está situado no mar-oceano, mas relativamente próximo da costa africana do Marrocos. Do ponto de vista demográfico as ilhas eram povoadas de forma heterogênea, por grupos diversos, linguas e religiões diferentes, genericamente conhecidos por *guanches*.



Mapa do arquipélago das Canárias<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Mapa do arquipélago das Canárias. Disponível em Consulta em 16 de outubro de 2018.

Tal como no leste europeu e na Ásia foram visitadas por clérigos desde o final do século XIII sendo que alguns deles aí tentaram se estabelecer e iniciar o processo de evangelização. As dificuldades de acesso e as resistências dos *guanches* dificultaram estas iniciativas.

Para Marcos Martinez<sup>12</sup> os primeiros exploradores a chegarem às Canárias foram os genoveses, impulsionados pelas riquezas procedentes do comércio com os mongóis e a expansão do comércio marítimo. Os florentinos, venezianos e genoveses haviam atingido um alto padrão profissional e prestígio junto aos poderes da Latinidade vindos de suas atividades na navegação<sup>13</sup>. A presença de genoveses no Ocidente europeu é fartamente reportada em todo o século XIII e início do XIV. Em 1317, por exemplo, o genovês Emmanuele Pessagno compromete-se com o rei de Portugal, D. Dinis a manter em Lisboa vinte capitães e homens “sabedores do mar”<sup>14</sup>.

São fartas as referências e fontes medievais a respeito das primeiras viagens de italianos às Canárias, mas ao menos três devem ser mencionadas. Primeiramente, vale mencionar a viagem dos irmãos Ugolino y Valdino Vivaldi em março de 1291 que, segundo o cronista genovês Jacopo Doria em seus *Annali di Genova*, teriam atravessado o Gibraltar em direção às Índias (*ad partes Indiae*). Embora os irmãos tenham desaparecido ao longo da viagem, sua imagem ficou registrada por vários cronistas italianos, dentre eles o grande Dante que em sua *Comedia* (canto XXVI). teria muito possivelmente associado o vulcão Teide de Tenerife à montanha do Purgatório.

---

<sup>12</sup> MARTINEZ, Marco, “Boccaccio y su entorno en relación con las Islas Canaria. Universidade Complutense de Madrid”, *Cuadernos de Filología Italiana*, 2001, n.º extraordinario, pp. 95-118. Disponível em <<https://revistas.ucm.es/index.php/CFIT/issue/view/CFIT010122>> em 16 de outubro de 2018.

<sup>13</sup> A anterioridade da chegada às Canárias pelos italianos é contestada por muitos historiadores portugueses, dentre eles DE MACEDO, Joaquim Jose da Costa, *História e Memórias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1835.

<sup>14</sup> MARTINEZ, *op.cit.*, pp. 99-100.

*Las Canarias fueron para el [Dante] ese paisaje medio real, medio de ensueño, que necesitaba y que le indicaba la inquietud geográfica de su tiempo. El hecho, de que los marinos genoveses no hayan llegado hasta ellas adquiere así su máximo valor simbólico. Y es instructivo observar que la identificación de las Canarias con El Purgatorio ha sido hecha posible, en el espíritu del poeta, únicamente porque Ugolino Vivaldi no había vuelto de su expedición<sup>15</sup>. [o grifo é meu]*

Também a viagem do genovês Lancelotto Malocello, próspero mercador genovês, provavelmente feita entre 1312-1336 é citada por vários cronistas, inclusive o *Le Canarien* que faz menção a um velho castelo ainda existente à época da viagem de Gadiffer e Bettencourt. É possível que Lancelotto tenha viajado sob o patrocínio de Portugal e que seria mesmo um daqueles “sabedores do mar”, já mencionados anteriormente.

*La fecha de su viaje a las Canarias se discute entre 1312 y 1336, siendo esta última fecha la más aceptada por los mejores conocedores del tema, por ejemplo, Ch. Verlinden (1958). La vieja crónica de la conquista normanda de las Canarias, conocida como Le Canarien y empezada a redactar después de 1402, lo cita con el nombre de Lancelot Maloisel, añadiendo además el detalle de que cuando los franceses ocuparon Lanzarote, a principios del siglo XV, aún subsistía la ruina de un castillo o fortaleza que había mandado construir el genovés, hecho que, al parecer, se ha confirmado por la arqueología<sup>16</sup>.*

Finalmente, interessa-nos mais de perto a expedição de 1341 promovida pelo rei português D. Afonso IV que serviu como base para a narrativa de Boccaccio com o título *De Canaria*. Comandada pelo genovês Niccoloso da Recco agregava florentinos, genoveses, catalães e portugueses, supondo-se mesmo, que o velho Lancelotto pudesse estar entre eles.

---

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*, p. 101.

O *De Canaria* de Boccaccio pode ser considerado como “*el primer modelo descriptivo de todas las relaciones de viajes y descubrimientos precolombinos y colombinos. El prototipo boccacciano, según Branca, contiene ya las cuatro partes que serán programáticas en las relaciones posteriores*”<sup>17</sup>.

Branca<sup>18</sup> enumera cada uma destas partes. Em primeiro lugar, a relação oficial sobre a navegação (dados introdutórios como datas, protagonistas, objetivos da viagem e outros). Em seguida um informe narrativo do primeiro encontro com a terra e os seus habitantes. Logo depois, a narrativa do que se segue na viagem e o encontro de novos lugares, com considerações mercantis e econômicas assim como o retrato antropológico dos habitantes encontrados<sup>19</sup>.

Para Branca portanto, o protótipo boccacciano acima mencionado serviu de base para as narrativas atlânticas posteriores não só as italianas, mas as castelhanas e portuguesas, que posteriormente marcaram os grandes relatos da expansão para o mar-oceano.

Até 1990 pouco se sabia sobre a circulação e recepção dos textos canarianos de Boccaccio, mas vários estudos eruditos das três últimas décadas iluminaram muitas destas questões<sup>20</sup>.

As Canárias desempenharam assim, durante séculos, um papel de ponto de partida e de chegada das grandes navegações oceânicas em quase todas as direções, graças à sua proximidade com a zona central dos sistemas de ventos e correntes do Atlântico.

---

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p. 104.

<sup>18</sup> BRANCA, V., “Dal favoloso al realistico e al parodico. Esotismo fra pellegrini, mercantie Boccaccio lanciati da pionieri sulle rotte di Colombo”, Roma: *Ve r sants*, 23, 1993. pp. 3-24. Disponível em: <https://docplayer.it/24422436-Dal-favoloso-al-realistico-e-al-parodico-esotismo-fra-pellegrini-mercantanti-e-boccaccio-lanciati-de-pionieri-sulle-rotte-di-colomb>; consulta em 08 de agosto de 2019.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 10.

<sup>20</sup> Refiro-me aqui a Marco Martinez, G. Padoan, Charles Verlinden, P. Russel, M. Lopo Cabrera, Eduardo Aznar, entre muitos outros.

A descoberta das ilhas atlânticas teve para as navegações um papel fundamental. Constituíam elas uma espécie de “periferia das costas européias”. Michel Mollat<sup>21</sup> comenta que se entende melhor esta questão lendo-se *Le Canarien* que, nas duas versões que conhecemos, informam que o caminho das ilhas é breve, fácil e pouco custoso, requerendo somente de cinco a seis dias de travessia se a saída for de Sevilha e de quinze dias se a viagem começa por La Rochelle.

Foi efetivamente em 1402 que se iniciou a conquista destas ilhas, com a expedição a Lanzarote do normando Jean de Bethencourt e do pictarino Gadifer de la Salle. O primeiro une-se por vínculo vassálico aos reis de Castela obtendo posteriormente o apoio da Santa Sé. Esta difícil empreitada só terminou em todo o arquipélago no final do século quando os *guanches* finalmente se renderam. A esta referem-se as narrativas de viagem dos dois exploradores franceses que são unânimes em apontar as amenidades do clima e as facilidades para se chegar até as ilhas.

### ***DE CANARIA DE BOCCACCIO***

O texto de Boccaccio (1313-1375) conhecido como *De Canaria* foi escrito em meados do século XIV e dele conhecemos vários manuscritos e impressos, o mais importante na Biblioteca Vaticana é tido como autografado e anotado por Petrarca (1313-1375).

Num manuscrito da Biblioteca Nacional de Florença, classificado como Banco Rari, 50 (anteriormente Magliabechiano, II, II, 37) e conhecido como Zibaldone Magliabechiano, há um breve tratado em latim (dois folios) intitulado *De Canaria et insulis reliquis ultra Ispaniam in Oceano noviter repertis* ou, de forma abreviada, *De Canaria*<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> MOLLAT, *op. cit.*, p. 115.

<sup>22</sup> GUIDI –BRUSCOLI, Francesco, “O Mar como Futuro de Portugal (c. 1223 – c. 1448) . A propósito da contratação de Manuel Pessanha como Almirante por D. Dinis”. ACTAS XV SIMPÓSIO DE HISTÓRIA MARÍTIMA, 14 a 16 de Novembro de 2017, Edição, Academia de Marinha, Lisboa, ACD PRINT, S.A. p. 117.

Embora as questões textuais sejam neste caso de suma importância, passarei ao largo deste problema que certamente constituiria outra coisa para abordar. Vale, no entanto, lembrar que as variações de edição, cópias e traduções feitas ao longo dos séculos apontam para uma circulação de grande densidade desta narrativa, mesmo à época do escritor ainda vivo<sup>23</sup>. Certamente o texto boccacciano influenciou muito de perto outras narrativas de viagem posteriores, inclusive as de Gadifer e de La Salle.

A atribuição do texto a Boccaccio foi, no passado, questionada por alguns; mas já há alguns anos que ilustres estudiosos do escritor concordam em ignorar tais dúvidas. No entanto, apesar da fama do seu autor, que em Itália é considerado um dos principais expoentes da literatura medieval, o texto permaneceu em forma manuscrita por quase quinhentos anos, até 1826 quando foi apresentado tanto na versão original, como na tradução italiana por Sebastiano Ciampi numa carta ao diretor da Antologia Vieusseux. No ano seguinte, Ciampi republicou o De Canaria numa obra mais ampla e, em 1830, publicou uma nova edição em Milão, fazendo pequenas correções. Embora a transcrição de Ciampi tenha sido posteriormente criticada, não há dúvida de que a esse estudioso deve ser dado o crédito pela redescoberta do texto de Boccaccio<sup>24</sup>.

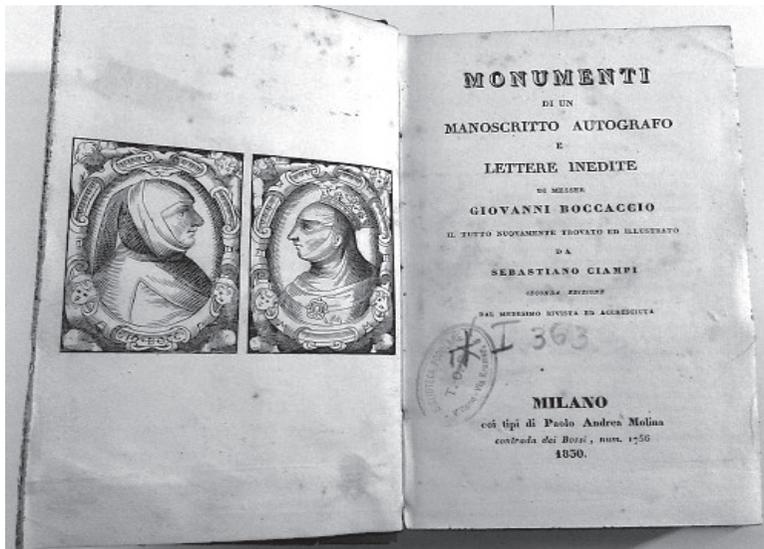
O texto de Ciampi, de 1830 é hoje raridade, mesmo tratando-se de uma obra impressa no século XIX. Abaixo a capa da edição com o título dado por Boccaccio e a anotação de Ciampi referente à segunda edição(1830) revista e anotada<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>24</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>25</sup> “*Della Canaria e delle altre isole oltre Ispania nell’oceano nuovamente ritrovate*” brano contenuto in “*Monumenti di un manoscritto autografo e lettere inedite di Messer Giovanni Boccaccio. Il tutto nuovamente trovato ed illustrato da Sebastiano Ciampi*. Seconda edizione, dal medesimo rivista ed accresciuta Milano, coi tipi di Paolo Andrea Molina, 1830. Disponível em: <https://www.dimanoimano.it/it/cp117544/narrativa/narrativa-classica-italiana/monumenti-di-un-manoscritto-autografo-e-lettere-inedite-di-messer-giovanni-boccaccio#&gid=null&pid=1>. Consulta em 05/06/2020.



*“Della Canaria e delle altre isole oltre Ispania nell’oceano nuovamente ritrovate”*

Do ponto de vista estrutural a narrativa de Boccaccio organiza-se em três partes. Inicialmente o autor transmite *uma notícia que teve por carta, situando cronologicamente os acontecimentos e qualificando sua fonte de informação*. Boccaccio menciona o ano de 1341, explicitando que a carta de um mercador proveniente de Sevilha foi a fonte de informação para o que iria contar. “No ano do Senhor de 1341, chegaram à Florença umas cartas de mercadores florentinos residentes em Sevilha, cidade da Espanha ulterior, seladas naquele lugar em 15 de novembro e que contêm o que se segue”<sup>26</sup>.

<sup>26</sup> BOCCACCIO, *Della Canaria e delle altre isole oltre Ispania nell’oceano*. in “Monumenti di un manoscritto autografo e lettere inedite di Messer Giovanni Boccaccio. Il tutto nuovamente trovato ed illustrato da Sebastiano Ciampi. Seconda edizione, dal medesimo rivista ed accresciuta Milano, coi tipi di Paolo Andrea Molina, 1830. p. 64. Tradução livre de: “Correndo anni Domini MCCCXLI vennono a Fiorenza lettere de’ mercadanti fiorentini, che erano in Sivilia città de la Spagna ulteriore, et quivi sugiellate a’ XV di novembre, dove era scritto quanto disotto racconteremo.”

O texto, conforme o esquema proposto por Branca, inicia-se com dados introdutórios como datas, protagonistas, objetivos da viagem e outros. Precisa as datas da partida das naves, torna clara a participação do rei de Portugal (que armou dois navios e uma pequena nave bem guarnecida, com gente da Catalunha, Florença, Genova e outros de Hispania). Informa que partiram eles de Lisboa, com armas e máquinas de guerra.

Importante ressaltar que, segundo o autor (ou o informante), os navegadores já tinham notícias de que a ilha (refere-se às Canárias) já havia sido encontrada. A narrativa de Boccaccio referencia que outros navegadores aí estiveram, não apresentando em seu texto grande surpresa pela informação que recebeu da carta onde se menciona o navegador florentino. Interessante também notar o grande interesse do escritor pelas novas terras desconhecidas tanto pelo aspecto maravilhoso, como pelos interesses mercantis.

Dizem pois, como havia dito, no primeiro de julho deste ano sobre-dito, duas naves abastecidas pelo rei de Portugal de todas as coisas necessárias para a tripulação e com essas um outro barco - bem equipado com florentinos, genoveses, espanhóis catalães e outra gente de Espanha - da cidade de Lisboa, fizeram vela duas naves, acompanhadas de uma barcaça, e adentraram no mar alto levando consigo cavalos, armas e máquinas de guerra para apoderar-se de cidades e castelos, foram em busca daquele ilha que vulgarmente se diz já ter sido encontrada<sup>27</sup>.

*Baccaccio ordena o relato numa perspectiva espaciotemporal em que a viagem se desenvolve pela sequência cronológica do aparecimento das ilhas que compõem o arquipélago, informando as distâncias dos portos em dias de viagem ou milhas. Comentando a informação de*

---

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*, p. 64. Tradução livre de: “Dicono dunque come a di primo luglio di questo anno sopradetto, dua navi provedute per lo re di Portogallo d’ogna bisognevile per lo passaggio, et con esse un’altra navicella bene guernita, con gente de’ fiorentini, genovesi, et spanioli catalani, et altra gente d’Ispania sciolte le vele dalla città di Lisbona presono l’alto, conducendo con se cavalli, armi et macchine di guerra per isforzare cittadi et castella, et andaro a cercare quelle isole che vulgarmente è voce essere state trovate”.

Niccoloso (o navegador genovês que capitaneava), observa Boccaccio que a distância de Sevilha até a ilha é de cerca de novecentas milhas. E acrescenta que se a partida for do Cabo de São Vicente, a distância do continente é ainda menor. “[...] um dos capitães das naves chamado Nicoloso, genovês de Reccho, disse que de Sevilha a essas ilhas havia cerca de novecentas milhas, mas que do lugar chamado agora Cabo de San Vicente, diz-se ser menos distante do continente: que a primeira ilha pode ser achada a quase CL do continente”<sup>28</sup>.

O autor/informante revela *estranhamentos e/ou identificações* com os navegadores. Uma primeira observação relata as dimensões e características da região em que chegaram os navegadores: “que é toda pedregosa, selvosa e abundante de cabra e outras bestas”<sup>29</sup>. Acrescenta que “[...] os homens e mulheres andam desnudos e que estes por seus usos e costumes são selvagens”<sup>30</sup>. Observando “Que passaram a outra ilha um pouco maior, na qual vieram a seu encontro, na praia, uma grande multidão de homens e mulheres, quase todos estavam nus”<sup>31</sup>.

Boccaccio, como grande novelista, usa do estranhamento para recontar com vivacidade as aventuras. Novelando, bem a seu modo, o narrador diz que “muitas outras coisas que disse Niccoloso não vou contar,” mas, mesmo assim, continua sua narrativa:

E os homens que carregavam com eles, são quatro jovens imberbes de belo semblante. Eles usam bragas [espécie de calças] e têm presos

---

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*, p. 65. Tradução livre de: [...] “capitani delle navi chiamato Niccoloso, genovese da Reccho, addimandato dicea essere circa miglia novecento da Siviglia a quisole, ma dal luogo che ora Capo di san Vincentio è detto essere distanti meno dal Continente: che la isola prima ad essere trovata ha miglia quasi CL di circuito”.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*, Tradução livre de: “sassosa tutta, et selvosa et abondante di capre, et altri bestiami”

<sup>30</sup> Idem, *ibidem*, pp. 64-65. Tradução livre de: “[...] gli huomini et le donne andare nude et essere salvatiche per li costumi et li riti.”

<sup>31</sup> Idem, *ibidem*, Tradução livre de: “Da quivi trapassati in altra isola quasi maggiore, vidono venirsi all’incontro sul lido moltitudine grande, huomini et donne, che quasi tutti erano nudi.”

uma corda em seus quadris nas quais penduram fios de palma grossas de um a dois palmos de comprimento no máximo; e com eles cobrem as vergonhas da parte da frente e traseira, a menos que o vento ou outra coisa os levante. Eles não estão tosados e têm cabelos loiros longos até o umbigo; se cobrem com eles e caminham descalços<sup>32</sup>.

Como não revelar o estranhamento diante da vista de quatro homens de pouca barba e belo semblante que portavam nas costas uma espécie de cordas! Delas pendia uma fila de palmas espessas que pouco cobria suas vergonhas na frente e atrás, mesmo assim, se o vento o permitisse. Mas, não são gordos e têm louros e longos cabelos até quase o umbigo e caminham com os pés nus.

O narrador *estabelece comparações* tentando aproximar o que o navegador viu de diferente com o que conheciam. Assim, embora as gentes que encontraram não pudessem entender nada do idioma que falavam, mostravam-se muito corteses e eram como os italianos, muito vivazes. “Aquele idioma era muito agradável e à moda italiana, era muito expedito [despachado, eficiente]”<sup>33</sup>. O autor acrescenta adiante que embora os modos de corte fossem franceses, eram inteligentes como os italianos.

Na ilha de nome Canária, a mais habitada de todas, conversaram com gestos uns diante dos outros, com respeito. Boccaccio louva o aspecto saudável e forte dos habitantes desta ilha, comparando-os aos viajantes. E apontando seu rápido entendimento de tudo o que falavam, verifica que podem aprender com facilidade, elogia sua docilidade, coisa que muito espanhol não é (sic). Embora estranhando a nudez e a forma

---

<sup>32</sup> Idem, *ibidem*, p. 70. Tradução livre de: “Erano i quattro homini che condussono, della etade senza barba, et di bello semblante, portavano brache, fatte cosi: haveano ricinta a’ lombi una corda, dalla quale pendeano fila di palma spesse, o di giunchi da uno e mezzo a due palmi al più, et per esse cuopriansi le vergogne di innanzi et di dietro, se non che il vento od altro le inalzasse; non sono tonduti, et hanno lunghi et biondi i capelli sino quasi all’umbilico: cuopronsi di questi, et camminano a piedi nudi”

<sup>33</sup> Idem, *ibidem*, p. 66. Tradução livre de: “Avea, secondo che dissono, quell’idioma molta polizia, et a modo dello italiano era spedito assai.”

de portar suas crianças, “A mulher de seu marido e a já casada portam uma braga no estilo dos homens; todavia as núbeis vão completamente desnudas, não considerando vergonhoso andar assim”<sup>34</sup>.

Finalmente, numa página que parece inacabada, segundo Ciompi, o texto identifica um sistema numérico dos *guanches* que, segundo Boccaccio, assemelha-se muito aos dos cristãos.

Têm como nós a unidade numérica e colocam-nas na frente para as dezenas assim: 1, nait, 2, smetti, 3, amelotti, 4, acodetti, 5, simusetti, 6, sesetti, 7, satti, 8, tamatti, 9, aldamorana, 10, marava, 11, nait-marava, 12, smatta-marava, 13, amierat-marava, 14, acodat-marava, 16, sesatti-marava, etc<sup>35</sup>.

A narrativa aproxima muitas experiências das ilhas com o cotidiano dos navegadores. Um registro inusitado do que foi encontrado em outra ilha maior chama a atenção: o texto relata a existência de um “príncipe”. Fora identificado pelos viajantes porque era reverenciado e honrado por todos e porque usava uma roupa de pele de cabra tingida de amarelo e vermelho parecendo aos observadores muito macia e delicada e costurada com tripas. Estas características distinguiam o príncipe da multidão de homens e mulheres nus que haviam encontrado na ilha.

Alguns, que pareciam mais preeminentes, vestiam peles de cabra tintas de amarelo e de vermelho, as quais, segundo parecia de longe, eram muito delicadas e primorosas e cosidas com muita arte, com cordas de tripa; pelo que se podia deduzir de seus atos, pareciam ter um príncipe, ao qual todos tributavam respeito e obediência<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> Idem, *ibidem*, p. 71. Tradução livre de: [...] “Le donne di loro maritansi, et le già maritate portano brache a modo di homini; le tuttavia fanciulle vanno affatto nude, non stimando vergogna di andare così.”

<sup>35</sup> Idem, *ibidem*, Tradução livre de: “Hanno come noi le unità de’ numeri et mettonle dinanzi alle diecine così: 1, nait, 2, smetti, 3, amelotti, 4, acodetti, 5, simusetti, 6, sesetti, 7, satti, 8, tamatti, 9, aldamorana, 10, marava, 11, nait-marava, 12, smatta-marava, 13, amierat-marava, 14, acodat-marava, 16, sesatti-marava, etc.”

<sup>36</sup> Idem, *ibidem*, p. 66. Tradução livre de: “Alcuni che pareano più alti vestivano

O texto refere-se ainda às *maravilhas encontradas na ilha*, sempre afirmando que não vai contar tudo o que Niccoloso contou, mas conta que passando numa outra ilha (provavelmente Tenerife), não pode se calar diante de uma certa maravilha. Trata-se de um monte alto, muito rochoso que tinha no cume uma brancura que parecia uma rocha. Mas, não era uma rocha, parecendo mais uma vela como aquelas das naves que se desfraldava ao vento distendendo-se e encolhendo-se continuamente. Puderam assim ver durante um bom tempo esta beleza...

O texto refere-se por várias vezes às *condições de riqueza e de comércio da ilha* e nesta análise bem realista embora, louvando o clima e alguns de seus habitantes a conclusão é clara: “Parece só que esta ilha não é rica, porque os marinheiros apenas puderam recuperar uma espécie de viático”<sup>37</sup>.

## AS CANÁRIAS DE GADIFFER E DE BETTENCOURT

*Le Canarien* constitui uma narrativa singular, tanto pela sua forma como pelo conteúdo que veicula. Redigido por dois clérigos<sup>38</sup> que tomaram parte na expedição de Béttencourt e de Gadifer de La Salle, o relato existe em duas cópias manuscritas de épocas diferentes designadas por G de Gadifer e B de Béttencourt. Embora as duas cópias refiram-se aos interesses muitas vezes conflitantes de um e de outro capitão, com visões parciais, é bem provável que tenha havido um terceiro texto que tenha originado os dois.

O *Canarien* possui um valor inaugural historiográfico e documental de primeira ordem. Constitui uma fonte essencial para o conhecimento

---

PELLI caprine tinte di giallo, et di rosso, e, secondo para di lungi, morbidissime e delicatissime, cucite con assai artificio di corde de' budelli; e come poteasi cognoscere dagli atti di loro mostravano avere un principe, che riverito era da tutti et honorato.”

<sup>37</sup> Idem, *ibidem*, p. 70. Tradução livre de: “Pare solo quelle isole non essere ricche, imperciocchè i marinai appena poterono ripigliare le spese dello viatico”.

<sup>38</sup> Os redatores são o beneditino Pierre Boutier da abadi de Saint-Jouin de Marnes e possivelmente capelão de Gadifer de La Salle e Jean Le Verrier, capelão de Jean de Bettencourt.

da história das Canárias por tratar do começo do assentamento franco-castelhano no Arquipélago, base da definitiva colonização das ilhas e primeiro núcleo estável dos europeus no Atlântico central e meridional. É, além disto, a primeira mostra das crônicas atlânticas precedente de suas análogas portuguesas ou castelhanas, e é, portanto, o primeiro relato de uma viagem a estas Ilhas escrito em língua romance, ao mesmo tempo em que é o primeiro texto da expansão transatlântica francesa<sup>39</sup>.

O relato começa com a partida do porto de La Rochelle de Gadiffer e Bétencourt em embarcações bem equipadas, tanto em mantimentos como em homens e armas. As dificuldades para navegar, com ventos contrários logo após a partida, provocaram ainda em portos castelhanos revoltas da tripulação com fortes baixas e expuseram o caráter aventureiro da empreitada. A narrativa mostra com crueza as desavenças entre os dois capitães e a penúria que viveram os navegadores e os primeiros colonos nas ilhas de Lazarote, Graciosa e Fuerte Ventura.



“Como zarparaon de Espanha y llegaron a la isla de Lanzarote”<sup>40</sup>

<sup>39</sup> AZINAR, Eduardo, CORBELLA, Dolores, PICO, Berta e TERJERA, Antonio, *Le Canarien Retrato de dos Mundos*, La Laguna (Santa Cruz de Tenerife), 2007. Introducción, p.11.

<sup>40</sup> Idem, *ibidem*, ms B, p. 147. Esta edição reproduz as imagens originais do ms B.

O relato é rico na descrição do universo dos indígenas, sua caracterização, seu meio ambiente, suas crenças e línguas, apontando o duplo estranhamento causado pelo encontro dos europeus com os nativos. Finalmente, a rica exposição do mundo dos colonos, dos assentamentos, das brigas e das dificuldades e penúrias encontradas por eles, inaugura de fato uma nova ordenação textual.

O leitor da narrativa do *Le Canarien* participa com os autores das decepções e encantamentos que marcam a chegada ao arquipélago pelas ilhas de Lazarote e Fuerte Ventura. Por um lado, a constatação de uma natureza amena, de belas paisagens e águas claras impressionam vivamente os exploradores, trazendo à memória os mitos edênicos que situaram muitas vezes nestas “Ilhas Afortunadas”, o Paraíso. Por outro lado, a decepção pela constatação rápida, de que ali havia dificuldades concretas a solucionar, começando pelo enfrentamento das diferenças e resistências encontradas, tanto nas novidades que o meio insular subtropical trazia, quanto nos elementos humanos que povoavam a ilha. A importância destas primeiras impressões, narradas principalmente pelos clérigos escritores, mostra como o mito edênico atualizou-se com relativa rapidez em relação a estas ilhas. Constatou-se por diversas explorações concretas que as ilhas não eram este espaço utopizado, mas um mundo muito diferente e estranho.

A ganância dos exploradores impunha desde cedo uma empiria e uma objetividade em suas ações que conferiam um grau de realismo com bem menos margem para a sustentação das maravilhas.

Permaneceram nela [ilha de Ferro] por vinte e dois dias; conheceram quatro mulheres e uma criança e encontraram grande quantidade de cervos, cabras e ovelhas. Por parte do mar o terreno é muito ruim numa franja de uma légua, mas ascendendo ao centro do país, que é muito elevado, as terras são formosas e agradáveis, povoadas de arvoredos densos como bosques e verdes em todas as estações [...]. As águas são boas e muito abundantes e a terra é boa para cultivar e

alimentar bem os animais; há grande abundância de vagens e cereais e um número incrível de codornas<sup>41</sup>.

Procurava-se por bons portos, por nativos a apresar, examinando-se sua capacidade de se converter ao cristianismo e de trabalhar; constatava-se a capacidade de cultivo nas ilhas e as condições para o assentamento dos colonos e finalmente, procurava-se ouro<sup>42</sup> e material para o trato do comércio. Estas informações são relativamente precisas ao longo da narrativa.

Béttencourt desde cedo impôs-se como vassalo do rei de Espanha, recebendo “honras de rei” nestas terras que o papa mais tarde irá garantir à Castela. Interferiu juntamente com Gadifer nas estruturas de poder e de organização das comunidades *guanches*, ora convertendo os chefes locais, como o fez com o rei de Lazarote, ora impondo-se pela força com a captura e escravização dos nativos<sup>43</sup>. Alguns vetores descritivos irão servir de modelo para expressão do estranhamento: a descrição corporal, as vestes, a alimentação, os cultos, as relações de gênero, atacando-se com veemência a poliandria e principalmente constatando-se a pluralidade cultural e linguística no Arquipélago.

O primeiro aspecto abordado é o da imagem física dos *guanches*. A descrição é de início muito favorável. Por exemplo, destaca a beleza, principalmente das mulheres da Ilha do Ferro, La Palma, Gran Canária, Lazarotte e de um modo geral de todo o conjunto do arquipélago. Além da esbelteza e boa formação física têm grande força e velocidade, pois

---

<sup>41</sup> Idem, *ibidem*, ms G, pp.106-107. Tradução livre de: “Permanecieron en ella [la isla de Hierro] veinte dos días; cogieron a cuatro mujeres y un niño, y encontraron gran cantidad de cerdos, cabras y ovejas. Por la parte del mar el terreno es muy malo en una franja de una legua, pero ascendiendo al centro del país, que es muy elevado, las tierras son hermosas y agradables pobladas de arboledas densas como bosques y verdes en todas las estaciones [...] Las aguas son buenas y muy abundantes y la tierra es idónea para cultivar y alimentar bien a todos los animales; hay grande abundancia de habas y de cereales y un numero increíble de cordornices”.

<sup>42</sup> Idem, *ibidem*, ms G, pp. 100-101.

<sup>43</sup> Idem, *ibidem*, ms G, p. 33.

alguns correm como lebres<sup>44</sup>. A nudez e as maneiras como se vestem causam espanto aos exploradores, como nesta clara descrição:

As gentes são formosas. Os homens estão completamente desnudos, salvo um manto por trás até as curvas e não se mostram envergonhados de seus membros; as mulheres são belas e vestem-se com decoro com amplas túnicas de pele que arrastam pelo solo<sup>45</sup>.

Embora sejam leais, pois nunca se lançam uns contra os outros,<sup>46</sup> além de vivazes, sua inteligência como capacidade intelectual não é grande, mas revelam muita aptidão para conhecer “a Verdade”. Situam também os exploradores, grandes possibilidades para a conversão e para corrigir os desvios da fé, de acordo com os princípios cristãos. Faltavam-lhes instruções, pois viviam quase como animais. A poliandria e as maneiras de muitas mulheres alimentarem seus filhos são apontadas como prova convincente de sua monstrosidade.

A maioria delas tem três maridos que servem por meses [...] cada um a seu turno. As mulheres criam os filhos muito bonitos e graciosos e são brancos como os nossos, mas ficam tostados pela intempérie por falta de vestidos. Nesta ilha as mulheres não têm leite em seus peitos e alimentam seus filhos com a boca e por isto têm o lábio inferior alargado, o que resulta muito desagradável. Nas outras ilhas não o fazem assim, mas amamentam seus filhos ao peito, como se faz na terra dos cristãos<sup>47</sup>.

---

<sup>44</sup> Idem, *ibidem*, ms G, p. 77.

<sup>45</sup> Idem, *ibidem*, ms G, p. 135. Tradução livre de: “Las gentes son hermosas. Los hombres van completamente desnudos, salvo un manto por detrás hasta las curvas, y non se muestran vergonzosos de sus miembros; las mujeres son belas y van decorosamente vestidas com amplias túnicas de pieles que arrastan por el suelo” [refere-se à ilha de Lanzarote].

<sup>46</sup> Idem, *ibidem*, Ms G, p. 132.

<sup>47</sup> Idem, *ibidem*, ms G, p. 135. Tradução livre de: “La mayoría de ellas tiene tres maridos que sirven por meses[...] y el que cada uno por turno . Las mujeres crían muchos niños muy hermosos y agraciados, que son blancos como los nuestros,

Ressalte-se que todo movimento de aproximação se faz porém com o pressuposto da absoluta superioridade do europeu e de seu direito de “civilizar” o outro pela instrução e conversão ao cristianismo.

Quanto à ilha de Lazarote, que em sua língua se chama Tyterogaka, é quase do tamanho e forma da ilha de Rodes e tem grande número de aldeias e boas casas. Era muito povoada, mas os espanhóis, os aragoneses e outros corsários do mar tem-nos capturado e reduzido à servidão tanta gente que quase não havia ninguém, pois quando chegamos só havia umas trezentas pessoas que *apresamos com muita dificuldade e esforço e graças a Deus, os batizamos*<sup>48</sup>. [grifo meu]

Para a conversão construiu-se uma espécie de cartilha para instrução daqueles grupos capazes de assimilar os ensinamentos cristãos. O texto está também registrado nas duas narrativas, embora seja quase certo que tenha sido Gadifer o autor. Num sumário bastante redutor, pressupondo uma cristianização formalista, conta-se a história do povo eleito até o sacrifício do filho de Deus, a importância da Virgem e os perigos do pecado. Um destaque muito especial é dado para o episódio do dilúvio e da punição de Deus àqueles que deixaram de amá-lo.

E depois que os homens começaram a multiplicar-se sobre a terra, cometeram tantas infâmias e pecados tão horríveis que Nosso Senhor encolerizou-se e disse que haveria de chover tanto que aniquilaria

---

pero se ponen tostados a la intemperie por falta de vestidos. En esta isla las mujeres no tienen leche en sus pechos y alimentan a sus hijos con la boca, y por eso generalmente tienen el labio inferior más alargado que el superior, lo que resulta muy desagradable. En las otras islas no lo hacen así, sino que amamantan a sus hijos al pecho, como se hace en tierra de cristianos.”

<sup>48</sup> Idem, *ibidem*, ms G, p. 134. Tradução livre de: “En cuanto a la isla de Lanzarote, que en su lengua se llama Tyterogaka, es casi del tamaño y la forma de la isla de Rodas y tiene gran número de aldeas y de buenas casas. Solía estar muy poblada, pero los españoles, los aragoneses y otros corsarios del mar los han capturado y reducido a servidumbre tantas veces que apenas queda gente, pues cuando llegamos nosotros solo había unas trescientas personas, que hemos apresado con mucha dificultad y esfuerzo y, gracias a Dios, los hemos bautizado”.

toda a vida sobre a terra. Mas, Noé, que era muito justo e temeroso de Deus, obteve graça ante Ele [...] Ordenou-lhe [Deus] construir uma arca de madeira, bem esquadrinhada e polida [...] e que nela colocaria suas três mulheres, filhos, com suas três esposas e levaria consigo um casal de cada um dos seres vivos[...]<sup>49</sup>.

A escolha de Noé e a construção da arca com todos os animais fala sobre a capacidade do Senhor de salvar a todos os eleitos. O perdão é, sem dúvida um dos mais fortes ensinamentos cristãos. Instruir para *converter e batizar*, eis os propósitos deste pequeno manual.

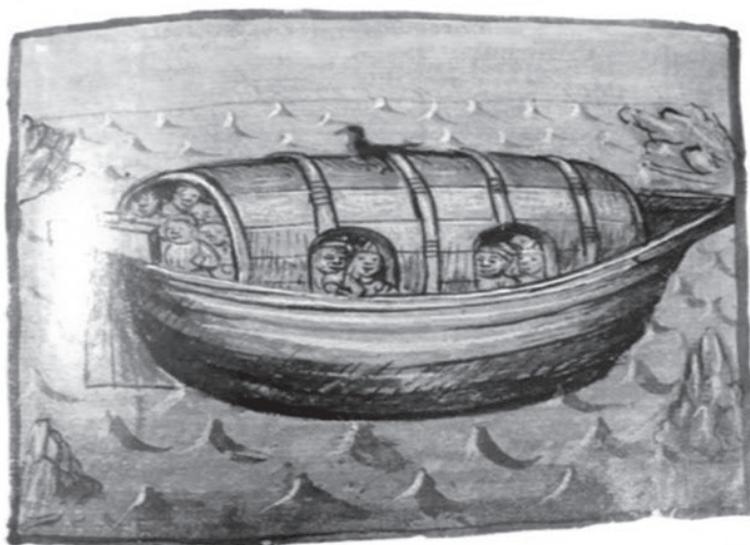


Imagem da Arca de Noé para instruir aos da ilha<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Idem, *ibidem*, ms B, pp. 203-204. Tradução livre de: “Y después de que los hombres empezaran a multiplicarse sobre la tierra, cometieran tantas infamias y pecados tan horribles que Nuestro Señor se encolerizó y dijo que haría llover tanto que aniquilaría toda vida sobre la tierra. Pero Noé, que era justo y temeroso de Dios, obtuvo gracia ante Él [...] Le ordenó construir un arca de madera bien escuadrada y pulida [...] y que en ella mentira a su mujer, a sus tres mujeres [hijos] com sus tres esposas, y también llevara consigo una pareja de cada uno de los seres vivos y de ellos procedemos todos tras el diluvio”.

<sup>50</sup> Idem, *ibidem*, ms B, p. 203.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto de Boccaccio e o dos dois manuscritos atribuídos a Gadifer e Béttencourt (G e B) têm aproximadamente um século de diferença, espaço temporal que apresenta profundas transformações em níveis diversos da sociedade, particularmente na navegação e na descoberta de novas terras.

A “moda de narrativa” a que me referi no início deste texto não foi homogênea em seu desenvolvimento, variando bastante no seu tecido imaginário e simbólico. O maravilhoso, por exemplo, desempenhou um dos elementos mais importantes nos relatos de viagem medievais dos séculos XII e XIII. Embora não tenha desaparecido nas narrativas baixo-medievais, transformou-se bastante ao longo deste período em decorrência das mudanças operadas na Cristandade.

O *De Canaria* de Boccaccio é, neste sentido um belo exemplo. O grande humanista apresenta-nos um texto quase geográfico. Depois das informações iniciais, ordena sua narrativa pela sucessão das ilhas, das mais próximas às mais distantes, descrevendo com clareza a paisagem, o clima ameno, paradisíaco a que acrescenta um leve sopro poético e um certo grau de encantamento com o que Nicoloso contou, mas que não vai contar, mero jogo literário do escritor. Assinala a presença de plantas usadas para tingimento dos tecidos, muito valorizadas na nascente e lucrativa indústria de tecidos da Europa Ocidental, os bons portos e a variação de recursos de cada ilha. Não deixa de apontar os poucos recursos de algumas ilhas (os marinheiros só conseguiram levar dali o viático), constatando que as ilhas não são ricas, mas de belas paisagens.

Esta nova geografia do arquipélago, constrói-se mais pela forma descritiva e realista, com base no que foi observado e narrado pelo informante, do que propriamente pelo ouvir dizer (*ouïr dire*) que por tanto tempo sustentou na Idade Média a narrativa das maravilhas fantásticas das terras longínquas.

A objetividade e o pragmatismo aparecem de forma bem mais explícita nas narrativas do *Le Canarien*. Em primeiro lugar, deparamo-nos nestes textos com o tenso universo das intrigas, das desavenças

entre os dois exploradores, das múltiplas interferências no universo dos habitantes da ilha e sobretudo cumprindo seu propósito de explorá-la e colonizá-la, de apresar os indígenas, escravizando-os para venda e exploração nos mercados italianos e espanhóis. Estas ações não excluem a intenção de continuar a expansão e exploração das terras dos mouros, onde também podiam obter escravos e informações sobre as lendárias terras do rio do Ouro<sup>51</sup>.

Embora os franceses comuniquem-se com os nativos “por gestos como mudos” relacionam com clareza as diferenças referentes à sexualidade (a poliandria, a exposição dos corpos nus sem qualquer vergonha, por exemplo) e à religião (não têm fé, mas são inteligentes para aprender). Vale pontuar que em Lanzarote, os franceses contavam também com os bons serviços de dois “línguas”.

A diversidade de falares não impede que façam inicialmente um acordo com um chefe (ou rei?) conforme aponta o texto de Gadifer, ou mesmo que, numa refeição ofereçam pão, queijo e vinho aos *guanches* que subiram num dos navios (Gadifer e Bèttencourt). Sem aceitar o vinho, deliciaram-se com o pão que não conheciam, demonstrando assim o que se tinha e o que se não tinha na ilha.

Tanto em Boccaccio como na narrativa dos franceses percebe-se ainda a presença de alguns episódios do maravilhoso, traço muito recorrente nas narrativas de viagem dos séculos anteriores. Um exemplo marcante é a visão de uma nave ao vento no alto do vulcão Teide, episódio que aparece nas narrativas bem antigas. Já vimos que até mesmo Dante já o referencia em sua *Comédia*.

Uma segunda questão que permeia os narradores, advindas do estranhamento com o que encontram, é a dúvida expressa sobre a humanidade dos habitantes que encontraram. Tal é o caso de mulheres que não amamentam e que alimentam seus filhos como os pássaros, quase uma identificação de monstruosidade. No *Le Canarien* os exploradores concluem que os habitantes são selvagens pelos hábitos e pelos ritos.

---

<sup>51</sup> Referência lendária às terras ricas em ouro e pedras preciosas que estariam em regiões dos negros e dos mouros.

Atestar a monstrosidade e a não humanidade destes seres é um forte argumento para civilizá-los ou melhor, para explorá-los, colonizá-los e apresá-los.

Estes vetores são verdadeiros operadores das diferenças, apontando maneiras novas de conhecer e agir sobre os espaços, de perceber limites e fronteiras da humanidade, de constatar as diversidades e de construir práticas diversas, de operá-las de forma objetiva segundo os novos interesses surgidos no bojo de tantas transformações.

O estranhamento engendra mecanismos diversos de aproximação. Um dos primeiros foi exatamente a necessidade de tradução e de se formar rapidamente “línguas”<sup>52</sup> que pudessem operar de forma eficiente a comunicação com os diferentes. A dificuldade é grande nas Canárias, já que a multiplicidade das línguas e das etnias complica a abordagem.

O fato de se encontrar em minoria num mundo tão diferente faz com que o europeu, oriundo de uma cultura monolítica e cristã questione sua própria identidade. O descobrimento de novas paisagens, diz-nos Michel Mollat, “era uma coisa, o de novos rostos, outra coisa”<sup>53</sup>. Os homens diante da diferença observam-se e se comunicam com gestos, palavras, objetos e se examinam mutuamente. “O descobrimento da alteridade pelos exploradores teve que passar por estas etapas. Mas, como a documentação é unilateral, não se dá conta [o pesquisador] da dualidade dos pontos de vista, o do descobridor e o dos descobertos”<sup>54</sup>.

A conquista das Canárias foi o antecedente da conquista do Novo Mundo e da ocupação da África. Todas baseadas na destruição quase completa da cultura local, na rápida assimilação do cristianismo e na miscigenação dos nativos e dos colonizadores. Uma vez concluída a conquista, detalhadamente narrada em *Le Canarien*, as ilhas passam ao domínio de Castela.

---

<sup>52</sup> tradutores.

<sup>53</sup> MOLLAT, *op. cit.*, p.141.

<sup>54</sup> Idem, *ibidem*.

As Canárias por sua situação privilegiada no médio Atlântico foram pontos de aguada, de abastecimento e de escala dos navios que mais tarde chegariam à Guiné, ao cabo das Tormentas e ao Indico. Pelo ocidente, estavam também na rota para as Américas e ofereciam abrigo aos aventureiros e conquistadores que para as novas terras se dirigiam.

Hoje, dos *guanches* restam museus, restos arqueológicos e um interesse especial de seus historiadores pela memória destas ilhas que hoje falam e integram o território espanhol.

Mas, isto é outra história.

